



PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio  
Cultural  
ISSN: 1695-7121  
[info@pasosonline.org](mailto:info@pasosonline.org)  
Universidad de La Laguna  
España

D'Onofre, Dan Gabriel; Amado dos Santos, Rodrigo  
Do pioneirismo à coxia: a memória banguense e sua relação com o turismo  
PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural, vol. 14, núm. 5, octubre, 2016, pp.  
1143-1160  
Universidad de La Laguna  
El Sauzal (Tenerife), España

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=88147717006>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## Do pioneirismo à coxia: a memória banguense e sua relação com o turismo

**Dan Gabriel D'Onofre\* Rodrigo Amado dos Santos\*\***

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (Brasil)

---

**Resumo:** Ao debruçar-se sobre Bangu e suas peculiaridades socioculturais, percebe-se que pertences ligados a esta comunidade exalariam signos capazes de evidenciar uma intrincada rede de significados. Através de um olhar descentralizado sobre este objeto, pode-se amplificar valores, personagens, explorar histórias e experiências sociais que ali se estabeleceram, tendo sempre cuidado de enxergá-la como um “espelho” de relações que apresentariam olhares e significados heterogêneos capazes de apresentar uma nova faceta à compreensão do processo de formação desta comunidade. Destarte, propõem-se aqui um trabalho com culturas, identidades e memórias daqueles que participam na tessitura de relações em Bangu, tentando entender de que maneira seu elo com o turismo pode mostrar que ainda se negligenciam importantes aspectos ligados à memória deste bairro carioca.

**Palavras-chave:** Bangu; Memória; Identidade; Tecnologia; Turismo.

---

### From pioneering at the aisle: the banguense memory and its relationship with tourism

**Abstract:** To look into Bangu and their socio-cultural peculiarities, it is perceived that things connected to this community demonstrates signs able to show an intricate network of meanings. Through a decentralized look at this object, it can be amplified values, characters, stories and explore social experiences that have settled there, always taking care to see it as a “mirror” of relations which would present looks and heterogeneous meanings able to present a new facet to understanding the formation of this community process. Thus, it is proposed here work with cultures, identities and memories of those who participate in the fabric of relationships in Bangu, trying to understand how their link with tourism can show that still neglect important aspects of memory of this carioca neighborhood.

**Keywords:** Bangu; Memory; Identity; Technology; Tourism.

---

### 1. Tramas sociais e memória do subúrbio carioca: Bangu em foco

Iniciar um leque de argumentações, que ao final dará suporte e contribuição a este estudo acadêmico, requer a estruturação e minuciosa planificação de um trabalho que ao mesmo tempo em que se mostra árduo, é visto de uma forma demasiadamente gratificante. Árduo no sentido de que para se concretizar o objetivo que aqui é pleiteado, há a necessidade de uma dedicação deveras meticulosa e que vislumbre a sutileza e a importância daquilo “que não foi dito” e muito menos registrado, daquilo que só é percebido através da sensibilidade capaz de captar indícios, personagens e estórias que também se mostraram responsáveis pela construção e delinear de uma identidade local, fruto de relações entre indivíduos que puderam vivenciar, acompanhar e até mesmo fazer parte de uma realidade, tal qual

---

\* Professor do Curso de Bacharelado em Hotelaria da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e doutorando em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (CPDA/UFRRJ); E-mail: donofretur@gmail.com

\*\* Professor dos Cursos de Bacharelado em Hotelaria da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), de MBA em Gestão Hoteleira (UFRRJ). Atua enquanto docente colaborador do Programa de Pós-Graduação Strictu Sensu – Nível Mestrado – em Educação Agrícola (UFRRJ/PPGEA). É doutorando em Sistemas de Gestão Sustentável pela Universidade Federal Fluminense (UFF/LATEC), mestre em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP, Campus Marília) e bacharel em turismo pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP); E-mail: profrodrigoamado@gmail.com

será exposto aqui, que remete a especificidades históricas, culturais, sociais, econômicas e políticas de uma localidade – Bangu – que assumira, em tempos pretéritos, importante papel de desenvolvimento da economia carioca.

E é justamente nesse ponto em que o trabalho se mostrará gratificante, na medida em que há a possibilidade de se compreender o desenrolar de tramas sociais, de relações de poder, de lutas pelo espaço que, direta ou indiretamente se evidenciaram como responsáveis pela gênese de uma localidade. E isso só pode ser percebido graças a um diálogo contínuo entre passado e presente<sup>1</sup>, pelo quais os seres humanos constantemente se confrontam ao longo de sua vivência. É indubitável que aqui, através de um olhar minucioso e fragmentado<sup>2</sup> que consiga despertar vozes e valores adormecidos e/ou esquecidos, dando credibilidade também aos sujeitos marginalizados por nossa história elitista, e ser capaz de conceber uma nova percepção e dar novos significados às fontes documentais e aos relatos registrados e apreendidos como certos e inquestionáveis, nos possibilitará uma nova versão à história desta comunidade.

Deste modo, atualmente conhecido como um dos bairros com as temperaturas mais altas do Brasil, Bangu figura entre as páginas esportivas e policiais dos jornais e telejornais fluminenses e nacionais. Embora esse seja o panorama contemporâneo, a história de Bangu apresenta um panorama interessante quanto à sucessão paradigmática tecnológico em seu território. O que se manifesta na paisagem banguense tem relação direta com os esforços de diversos atores na tessitura de suas relações.

Há aqui, portanto, um universo demasiadamente complexo e que, através das apropriações corretas, se abre aos olhos mais inquietos e curiosos. E o porquê dessa inquietação poderá ser esclarecido por Halbwachs (1990) no momento em que este afirma que quando qualquer objeto que não faz parte de círculo mais familiar, há o resultado mais lógico: o assombro, pois não existem conhecimentos dentro deste ciclo que possam “desvendar” todas as possibilidades existentes perante este novo campo de observação.

Nesses casos, debates relacionados a símbolos culturais e identitários que enaltecem uma dada memória, devem ampliar a perspectiva contemplativa e emotiva e começar a assumir um olhar mais minucioso, investigativo e participativo perante os valores que circundam não apenas espaços familiares, mas todo o complexo social no qual estamos presentes, estando atento às relações sociais e hierárquicas, de poder e de cunho econômico que estariam imersas e que ditaram os rumos e ações locais em Bangu, estando atento também às representações que tais discursos estabeleceriam nesta comunidade. Afirmção esta que remeterá a um relevante fato: o por quê da escolha deste objeto?

Com vistas a propiciar um debate em torno dos elementos culturais que emergiram por conta das relações exercidas entre os atores sociais que inventaram ou influenciaram Bangu, parte-se de uma linearidade histórica dos lugares de memória do bairro e seu entorno. Desta maneira, para compreender de que maneira observaremos este cenário, imbebido expressivos significados e valores que dão um tom ímpar a esta localidade, é interessante apresentar uma nova faceta à sua história, aquela tida como oficial, e questionarmos aquilo que sabemos sobre esta. Para tanto, nos aproximamos das reflexões de Possas (2001) ao percebermos a importância de se olhar de novo um objeto, só que dessa vez, tentando historicizar a construção de suas representações, de seus personagens e de eventos que foram sendo esquecidos ou relegados a uma marginalidade. E para que isso aconteça, lançamos mão de um olhar minucioso e fragmentado, despertado por antigas vozes que conceberam uma nova percepção, de forma a suscitar signos<sup>3</sup> e representações já esquecidos em um universo tão singular quanto o bairro de Bangu.

Nesse sentido, a meta é realizar uma análise crítica sobre a condição coadjuvante que tais elementos possuem no cenário turístico fluminense. Deste modo, o modelo desse trabalho consiste na triangulação dos principais meios de divulgação turística do Poder Público (secretarias municipal e estadual de turismo e Ministério do Turismo) e a (des) promoção da memória banguense. Os dados utilizados são referentes às publicações e páginas disponíveis nas redes de computadores, considerados dados secundários. Dessa maneira, avaliou-se como os projetos turísticos não privilegiam o território em questão, o qual apresenta marcas importantes ligadas aos sucessivos modelos tecnológicos e ao esporte mais admirado pelos brasileiros: o futebol.

## 2. Os ciclos econômicos em Bangu e seus legados

Para realizar essa tarefa, parte-se do conceito schumpeteriano que versa sobre os ciclos econômicos. Mesmo que Schumpeter (1997) faça uma distinção entre fato social e fato econômico<sup>4</sup>, a credenciar que este não seja puramente econômico, o autor realiza uma dicotomia entre tais. Quando se parte do pressuposto de Schumpeter, em que os fatos econômicos não são puramente econômicos, não se pretende seguir diante de uma dicotomia que, de certa forma, impede um olhar amplo sobre as interpenetrações das atitudes humanas em relação ao seu ambiente. Embora estas sejam as ambiguidades de Schumpeter,

discuti-las não é o motivo principal deste trabalho. Há de se pensar que o autor dera pistas metodológicas para a compreensão da emergência de ciclos econômicos. Segundo ele, “o total de mercadorias produzidas e comercializadas numa comunidade em dado período econômico pode ser chamado de produto social” (Schumpeter, 1997, 28). Consequentemente, o produto social que é produzido em Bangu, bem como nos demais locais do planeta, podem ser vistos como reflexos de ciclos econômicos, os quais, segundo Schumpeter, não são apenas determinados por dinâmicas concorrentiais entre preço, oferta e demanda.

Com a finalidade de se levantar críticas em relação à formação da memória banguense, enfatiza-se os aspectos dos ciclos econômicos por quais este bairro da zona oeste carioca tem passado. Para tanto, assumiremos a perspectiva de D'Alessio (1998) no momento em que esta afirma a importância das memórias como uma forma de se “auscultar” a história, visto que estas se mostram como depoentes de identidades ameaçadas e que de certa forma acabam por acolher trechos que se evidenciam como importantes para a exaltação dos aspectos singulares que ocorreram neste espaço social<sup>5</sup>.

Ainda pouco se sabe sobre os povos originários que habitavam o que hoje é o bairro de Bangu, contudo há uma boa documentação sobre a constituição da fazenda que o originou. De acordo com Assaf (2001), o negociante português Manoel de Barcelos Domingues desmembrara uma parcela significativa de terras produtivas da paróquia de Nossa Senhora do Desterro de Campo Grande. Os “sertões do oeste” era, à época, um grande vazio demográfico quando comparado ao Centro. Quando o Rio de Janeiro nem era capital colonial, no dia 21 de janeiro de 1673, Domingues funda a Fazenda Bangu. Naquele momento, pode-se deduzir que Bangu inaugurava um paradigma tecnológico que se distingue às dinâmicas dos povos autóctones.

**Imagem 1: Engenho da Serra, Bangu, Rio de Janeiro, [16??]**



**Fonte:** Sena, [16??]

Ao visar a fabricação de açúcar, álcool, cachaça e rapadura, o Engenho da Serra (ver imagem 1) é o elemento material que constitui o prelúdio ao *plantation*<sup>6</sup>. Em conformidade com a égide colonial, Bangu é integrado à economia globalizada com a oferta daqueles produtos elaborados por mão de obra escravizada, sob a gerência de lusitanos e seus descendentes. A produção banguense era escoada por via terrestre até os portos de Guaratiba, onde seguia rumo à África e Europa. Na atualidade, nada restou sobre esse patrimônio erigido<sup>7</sup>, cuja memória colonial banguense quase nada guardou.

Deste modo, julgamos que a conservação e perpetuação de nosso passado devem ser vistas como passos fundamentais, pois sem a preservação de uma materialidade ou imaterialidade, ligada aos personagens, artefatos, monumentos, histórias e eventos que se mostram fundamentais para a compreensão e estruturação de todo o nosso senso identitário, um grande vazio nos assolaria, como se não tivéssemos importância perante “os outros” que nos cercam. Nesse sentido, Lowenthal (1998) nos

assegurará que esse sentido de preservação e perpetuação de singularidades locais só nos é conseguido graças às articulações que fazemos com nossa memória<sup>8</sup>, já que será através dela que nos ligaremos, como mencionará o autor, aos nossos “selves” anteriores, numa busca constante para tentarmos nos compreender, alicerçar e projetar as relações atuais e futuras que nos espreitam.

Assim, é importante entendermos a memória enquanto um processo constante de percepção das ações, dos indivíduos e dos eventos que nos cercam e que auxiliam na nossa constituição enquanto indivíduos ou grupos sociais singulares, capazes de, consciente ou inconscientemente, apresentar um trabalho de organização precisa de fatos que acabam moldando nosso comportamento e o posicionamento em uma determinada sociedade. Portanto, é preciso ter em mente que a memória se apresentará como um artifício capaz de realçar, excluir, relembrar e recalcar certos acontecimentos importantes, ou não, para o posicionamento sociocultural dos indivíduos ou grupos sociais em suas respectivas comunidades, e que de certa forma, ao longo dos tempos, esta nos dará nosso sentido de identidade (Pollak, 1992).

De posse destes preceitos, ao voltarmos os olhos sobre esta sucinta análise historiográfica de Bangu, há de se destacar que a prosperidade da produção agrícola fez com que a posse da terra se acirrasse com as demais unidades produtivas vizinhas. Assaf revela que até o século XX, a Fazenda Bangu teve cerca de dez proprietários. Os autores dão destaque à Dona Ana Francisca, viúva de José Correia de Castro, que a partir de 1798, por intermédio de ações à Justiça conseguira anexar diversas terras vizinhas, no que atualmente é Realengo. Após a morte da viúva banguense, o seu herdeiro Gregório de Castro Morais e Souza transfere suas terras ao Barão de Itacuruçá, Manuel Miguel Martins, em 1870 (Assaf, 2001: 12 - 13).

A partir da segunda metade do século XIX, o Rio de Janeiro já capital imperial começa a mudar seu modelo econômico com a introdução da indústria têxtil nos arredores do Centro. O Barão de Itacuruçá, interessado nos negócios que já se desenvolviam na região da Tijuca, demonstra pouco interesse nas terras adquiridas nos sertões de oeste. Vale ressaltar que em 1878 os trilhos da então Ferrovia D. Pedro II chegam a Santa Cruz (Giesbrecht, 2014), os quais passam a cortar a Fazenda Bangu. O cultivo do café, somado ao crescimento urbano do centro do Rio de Janeiro colocavam em risco o abastecimento d'água da região da Tijuca, fatores já identificados pelo engenheiro Henrique de Morgan Snell. Encarregado do governo imperial para construir uma fábrica nos arredores da Rua Conde de Bonfim, ele constatou que irregularidade do acesso hidráulico poderia comprometer os negócios a longo prazo. Como alternativa, segundo Assaf, Snell ressaltara as qualidades ambientais de Bangu, com suas cachoeiras e nascentes, cuja “água era fundamental em seis das oito etapas do processo têxtil” (Assaf, 2001: 13).

Após convencer um grupo de comerciantes portugueses, Snell conseguiu adquirir as terras do Barão de Itacuruçá, cuja extensão englobava não apenas a fazenda Bangu, como também a do Agostinho, dos Amarais e do Retiro. De acordo com Assaf (2001), no dia 6 de fevereiro de 1889, ainda em período imperial, a Companhia Progresso Industrial do Brasil tivera suas obras finalizadas. A empresa responsável por erigir o principal elemento material que influencia até hoje a paisagem banguense foi a *The Morgan Snell and Company*. Por conta disso, a fábrica foi “inspirada em padrão de arquitetura industrial tipicamente britânico, utilizando material basicamente trazido da Inglaterra, além de telhas francesas e pinho-de-Riga finlandês” (Assaf, 2001: 14).

Parte dos prelimícios do terceiro movimento (até agora descoberto), em 1º de maio de 1890 fora inaugurada a estação de trem de Bangu, uma das primeiras no recém-instaurado período republicano. Com a instauração da fábrica e de toda a estrutura de suporte ao seu funcionamento, bem como as vilas de funcionários, as escolas, unidades de saúde, o paradigma tecnológico, a Fábrica de Tecidos Bangu apenas começa suas atividades no dia 8 de março de 1893 (Bangu Shopping, s/d). Tal fato consiste na aceleração dos passos à modernização do bairro. Conquanto seja presumível que a sucessão de paradigmas, dentro de uma perspectiva evolucionista, suplante e sufoco o anterior, a presença da produção primária não fora superada. De fato, o que houve em Bangu foi justamente mudança do cultivo de gêneros, cujos campos deixam de ser canaviais para tornarem-se algodoais que facilitariam a demanda por matéria prima aos tecidos.

Ainda sobre a construção da planta industrial, a relação da Companhia Progresso Industrial do Brasil com o Reino Unido não se daria apenas pela marca paisagística relacionada à arquitetura fabril. O “esporte bretão” viria a ter em Bangu seus primeiros toques por conta de um operário escocês chamado Thomas Donohoe. Conforme Pelli

Seu Danau é como muitos banguenses se referem a Thomas Donohoe, que eles consideram o verdadeiro introdutor do futebol no Brasil. O escocês desembarcou no Rio em 21 de maio de 1894 e, em setembro daquele ano, já teria botado a bola para rolar – sete meses antes, portanto, daquela que é considerada a primeira partida oficial do futebol brasileiro, promovida em abril do ano seguinte por Charles Miller, em São Paulo (Pelli, 2012).

Com cerca de 200 dias de antecedência, um operário escocês e seus amigos superaram aquele que permanece no imaginário e nas publicações como o pioneiro do futebol no Brasil<sup>9</sup>. Aquela que fora a primeira partida de futebol em solo brasileiro também teria outra repercussão: o surgimento de um time chamado Bangu Atlético Clube. De acordo com a página eletrônica do clube,

Aos 17 de abril de 1904, na casa nº 12 da Rua Estevão, com a presença dos seguintes Senhores: John Starck, Fred Jacques, Clarence Hibbs, Thomas Hellowell, José Soares, William Procter, William Hellowell, William French, Segundo Maffeu e Andrew Procter, fundou-se um Club Athletic sob a denominação de “Bangu Athletic Club” (Bangu AC, s/d).

**Imagen 2: O primeiro estádio ao lado da Fábrica de Tecidos Bangu, Rio de Janeiro [190?]**



**Fonte:** Autor desconhecido, [190?]. In: Bangu AC, s/d

O time que neste ano comemora 110 anos de vida, surgira como uma estratégia de coesão de funcionários e gestores em torno do futebol<sup>10</sup>. O primeiro campo oficial do time ficava às margens da ferrovia, na lateral da fábrica (ver imagem 2), na antiga Rua Ferrer (atual Avenida Cônego de Vasconcelos), foi palco da consolidação da prática do futebol no subúrbio do Rio de Janeiro. O pioneirismo banguense não cessou apenas na primeira partida de futebol registrada. O futebol fora difuso no Brasil, sobretudo, entre as elites num modelo de assimilação pelas classes trabalhadoras. Como o bairro de Bangu cresceu em torno da fábrica em moldes britânicos, aqui os trabalhadores foram os protagonistas nesse esporte. Posteriormente à Lei Áurea, há de se ressaltar que boa parte da força de trabalho despendida na construção da fábrica era composta por negros. Ou seja, o Bangu Atlético Clube foi o primeiro a compor seu time com jogadores negros. De acordo com Assaf,

Em 1915, um fato chamou a atenção dos redatores de esportes dos principais jornais. Pela primeira vez, desde a fundação do clube, um brasileiro passou a ocupar a presidência do Bangu A. C. A tarefa coube a Noel de Carvalho, fluminense de Resende, poeta e escritor, um intransigente defensor do aproveitamento dos negros nos campos de futebol, numa época em que a elite ainda dominava a Liga Metropolitana de Sports Athléticos (Assaf, 2001: 24).

Porém, antes mesmo de Noel de Carvalho, o Bangu Atlético Clube torna-se o primeiro clube de desportos brasileiro a apresentar Francisco Carregal, um jogador negro que se consagra como o primeiro brasileiro dentro das quatro linhas a defender a camisa alvorrubra<sup>11</sup>. O fato se consolida quando, em 1905, o Bangu juntamente com o Botafogo e o Fluminense realizam o primeiro campeonato regional, tendo Carregal, um filho de português com uma brasileira negra, em sua equipe (ver imagem 3). Por conta de romper com as relações tradicionais e étnicas da prática do futebol no início do século XX, o Bangu Atlético Clube recebeu a Medalha Tiradentes<sup>12</sup> em 2001.

**Imagen 3: Equipe do Bangu Atlético Clube com Carregal no centro, Rio de Janeiro [1914]**



**Fonte:** Autor desconhecido apud Terceiro Tempo (s/d)

O Bangu Atlético Clube vivenciaria muitas mudanças ainda nas primeiras décadas de sua existência. Em 1933, o alvirrubro de Bangu se sagra campeão carioca<sup>13</sup>. Já partir de 1943, seu estádio foi desativado e seu terreno, vendido. O novo centro de treinamento apenas ficaria pronto em 1947, o que significou que os jogos do Bangu foram distantes de sua apaixonada torcida. Com o nome de Estádio Proletário Guilherme da Silveira Filho (ver imagem 4), o reduto do futebol banguense tem uma relação ambígua com sua nomenclatura. Guilherme da Silveira Filho, também conhecido como Silveirinha, fora engenheiro e filho de Manuel Guilherme da Silveira Filho, quem desde a década de 1920 gerira a unidade fabril. Guilherme da Silveira (o pai) era médico pediatra e clínico geral, sendo também um dos acionistas da Companhia do Progresso Industrial do Brasil. Por conta de sua boa influência junto à clientela formada por uma elite abastada do Rio de Janeiro, Silveirinha assume por indicação a presidência da Fábrica de Tecidos Bangu em 24 de março de 1923 (Assaf, 2001: 28 – 36).

**Imagen 4: A construção do Estádio do Bangu Atlético Club com a Praça Nova Jales (Praça de Guilherme da Silveira) a frente, Rio de Janeiro [1947]**



**Fonte:** Autor desconhecido, 1947. In: Bangu AC, s/d.

Em 1936, Silveirinha passa a trabalhar na fábrica e rapidamente manifesta sua inclinação ao futebol quando, em 1937, assume por eleição a presidência do Bangu Atlético Clube, bem como é nomeado superintendente da Companhia. Guilherme da Silveira ficou conhecido pela sua habilidade em lidar com os impactos da Crise de 1929, sendo convidado a assumir a presidência do Banco do Brasil entre novembro de 1945 a junho de 1949, seguida do Ministério da Fazenda no fim do governo de Eurico Gaspar Dutra. Segundo Assaf, coubera a Silveirinha ocupar os cargos deixados por seu pai. O clã dos Silveira é reconhecido por ter priorizado aspectos sociais de assistência aos proletários da Fábrica de Tecidos Bangu, ao ponto do vereador do Partido Comunista Algílido Barata dizer que “com indústrias assim, fica difícil o comunismo vencer no Brasil” (*apud* Assaf, 2001: 38). Consequentemente, por mais que Guilherme da Silveira<sup>14</sup> não tenha sido *stricto sensu* um proletário, seus intentos em propiciar estruturas que propiciassem um ambiente favorável aos trabalhadores são parte da explicação que subjaz a emergência do nome do estádio do Bangu Atlético Clube.

O estádio foi construído no antigo Marco Seis, região onde hoje parte pertence ao bairro de Padre Miguel, mais exatamente na região entre a Praça dos Abrolhos e o Ponto Chique. Nessa região vivia uma formosa jovem, a qual tinha por costume passear com suas amigas num chafariz defronte à sua casa. Tal fato chamava atenção, segundo Assaf (2001), de uma gama variada de rapazes, sobretudo jovens cadetes da Escola de Campos dos Afonsos quando em folga, que vinham dos arredores para apreciar sua beleza. Assim, a região do entorno do estádio ficou conhecido como Moça Bonita, dando uma espécie de apelido ao centro de treinamento e cada do Bangu Atlético Clube. Hoje, o Estádio de Moça Bonita tem a capacidade de abrigar cerca de 9 mil pessoas, que podem acessá-lo tanto por transporte rodoviário, quanto pela linha férrea na Estação de Guilherme da Silveira.

Outro fenômeno cultural que surge por conta do paradigma urbano industrial banguense é sua relação com o Carnaval. Em 1903, surge o Grupo Carnavalesco Flor da Lira, o qual figura entre os primeiros no subúrbio carioca. As manifestações culturais desses grupos se assemelham com os ranchos carnavalescos<sup>15</sup>, uma espécie de adaptação festiva de matrizes lusas e da África ocidental. No ano seguinte, surge o Grupo Carnavalesco Flor da União, composto apenas por negros (Assaf, 2001: 18-19). Mas será apenas na década de 1950 a região entrará para o mapa do samba. Próximo à região do Estádio de Moça Bonita, o bairro de Padre Miguel viu surgir o Grêmio Recreativo Escola de Samba Mocidade Independente de Padre Miguel, em 10 de novembro de 1955. Conhecida como a verde e branco da Zona Oeste, a Mocidade apenas desfilará no grupo especial do carnaval do Rio de Janeiro em 1958. Ambiciosa desde o início, a agremiação mais famosa da região obteve a quinta colocação no ano seguinte, ficando atrás das únicas agremiações que costumeiramente ganhavam os desfiles<sup>16</sup>. O motivo principal dessa conquista para a região foi a “paradinha” do Mestre André (ver imagem 5), José Pereira da Silva, o qual seguiu o conselho de Djalma Nicolau, o “Galo Velho” (Assaf, 2001: 42).

**Imagen 5: Mestre André no desfile da Mocidade, Rio de Janeiro [1979]**



**Fonte:** Salgado, 1979 *apud* Bruno, 2009

Se os tambores de umbanda e candomblé vão inspirar as inovações do samba produzido na região, a fé católica vai deixar outra marca do legado britânico na região. A Capela de São Sebastião e Santa Cecília que foi inaugurada em 1908. Em estilo neogótico inglês, com vitrais e arcos apontados no interior e uma torre sineira encimada por cúpula piramidal, a já centenária igreja tem sua marca maior voltada aos tijolos que acompanhavam o estilo das construções fabris (ver imagem 6), a qual segue as cores vermelho e branco. O Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (INEPAC) foi responsável pelo tombamento da maior marca paisagística e religiosa banguense em 1990 (INEPAC, s/d).

**Imagen 6: Igreja de São Sebastião e Santa Cecilia, Rio de Janeiro [200?]**



**Fonte:** INEPAC, s/d.

Além das inovações que Bangu vivenciou no esporte e nas artes, o bairro também entrará na história da moda nacional. Por iniciativa de Maria Cândida de Sousa Silveira, mulher de Joaquim Guilherme da Silveira (cunhada de Silveirinha e nora de Guilherme da Silveira), tem a ideia de realizar um desfile de moda de cunho benéfico. Candinha Silveira, como era conhecida, juntamente com outras mulheres da alta sociedade fluminense, institucionaliza um evento onde elas desfilaram com trajes confeccionados a partir de tecidos da Fábrica de Tecidos Bangu no Copacabana Palace Hotel, em 1951. Ainda inédito no Brasil, essa estratégia que aliava filantropia à divulgação da produção têxtil banguense iria desembocar no Miss Elegante Bangu, cujas moças de diversas partes do Brasil (ver imagem 7) iriam competir no mesmo hotel sob os olhos de toda mídia da época (Assaf, 2001: 39 – 40).

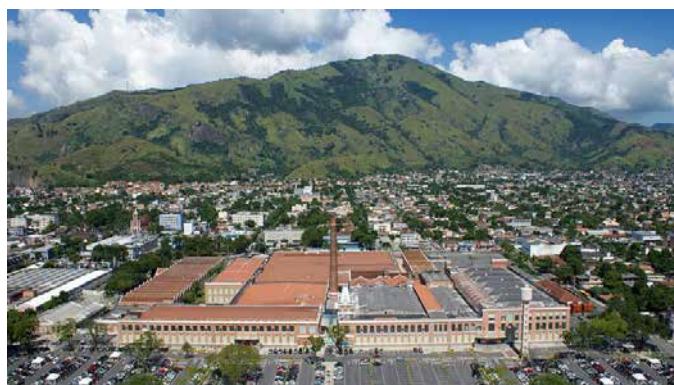
**Imagen 7: Maria Helena Quirino dos Santos, de Araraquara, São Paulo, Miss Elegante Bangu 1958, com um modelo da coleção 1959.**



**Fonte:** Revista Querida, 1958 apud Lima, 2010

As mudanças no padrão tecnológico de produção e consumo em Bangu alteraram as formas de relação entre banguenses e outros atores que intermedium essa rede. Segundo Schumpeter, há dois motivos subjacentes à produção: necessidades e problemas econômicos. Neste trabalho, foge-se da perspectiva evolucionista cujos paradigmas tecnológicos se sobreporiam ao ponto de exterminar o anterior. Muito pelo contrário, pois, em Bangu, o modelo agrícola não foi extinto mesmo com o intenso processo de assimilação produtivo de modelo fabril. A urbanização e a industrialização do bairro não exterminaram a agricultura, por exemplo. Talvez, das poucas reminiscências relativas e compreensivas do modelo anterior à inserção da agricultura de moldes *plantation* seja o nome do bairro. De acordo com Assaf (2001: 48), estudiosos sobre topônimia defendem que Bangu<sup>17</sup> deriva do tupi “banguê”, cujo significado seria “anteparo escuro” ou “barreira negra”, isto é, uma possível relação com o Maciço da Pedra Branca (ver imagem 8).

**Imagen 8: Maciço da Pedra Branca e o bairro de Bangu, Rio de Janeiro [2005]**



**Fonte:** Vinícius, 2005 apud SkyscraperCity, 2011

Há também uma corrente que defende que Bangu deriva de um termo africano que seria uma referência a uma padiola feita de couro, fibras e varas que serve para movimentar cargas. Assim, existe uma evidente relação com a expressão “á bangú”, com significado de algo improvisado e feito sem esmero. A depender do que se segue, muitos nomes de marcos geográficos (Sarapuí, Boiobi, Amanajó, Urucum, Murundu, etc.)<sup>18</sup> ora remetem a matriz cultural tupi, ora a africana. Em conformidade com essas evidências, fica o legado do paradigma que regia a transição dos primeiros povos ao *plantation*. Após a consolidação da Fábrica de Tecidos Bangu, uma série de preocupações se concretizaram na manutenção de atividades agrícolas ligadas à produção de gêneros como polvilho, melado, farinha de mandioca e outros produtos que abasteciam o nascente comércio local que já demandava alimentos de outras localidades (Assaf, 2001).

### **3. O fim do modelo industrial banguense: processos de mudança na conjuntura social e o setor terciário**

A partir de 1960, a história do Rio de Janeiro será marcada pela transferência da capital federal para a recém criada Brasília. Por cerca de quinze anos, o que era o Distrito Federal passa a ser o Estado da Guanabara, vindo a se extinguir com sua fusão à “velha província”. Em 1975, o então Estado do Rio de Janeiro deixa de ter sua capital em Niterói com mudança para a cidade do Rio de Janeiro. O crescimento da procura de classes abastadas por terrenos na Zona Sul e arredores inicia um processo de gentrificação desta região. O desmanche de localidades proletárias encravadas na Zona Sul, Centro e Grande Tijuca fazem com que o governo enxergue no subúrbio a alternativa para reassentar essas populações.

Se Guilherme da Silveira rejeitara concorrer ao governo do então Estado da Guanabara, seu possível adversário foi aquele quem o agregou durante parte do mandato. Carlos Lacerda foi uma figura política de posições muito controversas<sup>19</sup>. Ao coligar-se com Lacerda, Guilherme da Silveira mesmo após afastar-se do Banco Nacional da Habitação construiu diversos condomínios populares (ver imagem 9). Em concordância com Assaf, a estratégia para que os desalojados das regiões elitzadas da cidade fossem para Bangu eram

[...] financiamento a perder de vista, em suaves prestações, trabalhando nas indústrias que logo seriam instaladas na região, condução fácil, cursos de especialização profissional, escolas, hospitais, além de áreas de lazer e recreação (ASSAF, 2001: 45).

**Imagen 9: O “embrutecimento” da paisagem banguense: o Conjunto Residencial Cardeal Dom Jaime Câmara, Rio de Janeiro [199?]**



**Fonte:** Humanas, 2010.

O Conjunto Residencial Cardeal Dom Jaime Câmara foi a evidência dos planos de cisão entre subúrbio e centro. O que já fora o maior conjunto habitacional da América Latina (Assaf, 2001), é a demonstração de que a população empobrecida da cidade do Rio de Janeiro passaria a ter endereço certo

Sete mil e 200 apartamentos, em 180 blocos distribuídos por uma área de cerca de 450 mil metros quadrados (54 vezes o gramado do Maracanã). O maior conjunto habitacional do Rio, o Dom Jaime Câmara, construído em 1969, atravessa dois bairros - Bangu e Padre Miguel - tem cerca de 26 mil moradores, população superior à de 37 dos 92 municípios do Estado do Rio, e uma quantidade de problemas igualmente superlativa. Em seus 42 anos, a fase de crescimento do conjunto não cessa. Nele, pelo menos 1.800 puxadinhos rompem com a homogeneidade dessa "cidade" de prédios gêmeos. Gatos de energia, prestações acumuladas, praças malconservadas, ausência de escolas de ensino médio e apartamentos invadidos pelo tráfico também compõem o quadro (Galdu; Daflon, 2011).

Não apenas relações internas moldam as manifestações em Bangu. Muito do que a economia mundial repercutira influenciaria nos locais de memória. A fábrica, o estádio, os tecidos, os clubes de convivência são reflexos de mudanças paradigmáticas que se mantêm ou se modificam ao sabor dos engajamentos dos atores. A partir da década de 1970, o bairro de Bangu passou pelo processo que Assaf chama de "embrutecimento". As promessas de crescimento urbano aliado às necessidades de emprego e renda não foram concretizadas pelo movimento econômico que tem nítida relação com o Choque do Petróleo, o início do movimento de neoliberalização econômica, bem como o esgotamento do estado desenvolvimentista promovido pela ditadura militar brasileira.

Para celebrar a ruína do paradigma industrial-urbano, não bastasse o Bangu Atlético Clube ter perdido a final do Campeonato Brasileiro de 1985 contra o Coritiba, embora a Mocidade tenha conquistado seu segundo título de campeã do carnaval carioca, em 1987, o então governador do Rio de Janeiro, Moreira Franco, constrói nas áreas agricultáveis de Bangu o maior complexo penitenciário fluminense. Assim, o imaginário do bairro da fábrica, do time de futebol operário, da precursão dos desfiles de moda e da "Bateria Nota 10 do Mestre André" ou mesmo "Bateria Não Existe Mais Quente", são solapadas pelas notícias relacionadas aos crimes cometidos por encarcerados que permanecem em Bangu. Além disso, com o recrudescimento e desindustrialização da economia fluminense no pós-1980, a favelização se expande. A imperar um período neoliberal na economia nacional, Bangu presenciou o surgimento de subempregos ou mesmo de atividades ligadas ao tráfico de drogas e armas. A violência no bairro, a fuga dos empregos e o declínio da Fábrica de Tecidos Bangu vão apenas ser amenizados com mais três títulos da Mocidade (1990, 1991, 1996).

Apenas na virada do milênio, o centro do bairro de Bangu que já passa a contar com mais de 400 mil habitantes ganha novos ares. Sob o segundo mandato do prefeito César Maia, o bairro passa por reformas que deixam mais marcas em sua paisagem. O Rio Cidade 2 trouxe para Bangu cobertura fixa para o calçadão, aspersor de água para amenizar as altas temperaturas, bem como as escadas rolantes que ligam os dois lados do bairro cortado pela linha férrea (ver imagem 10).

**Imagen 10: Calçadão coberto de Bangu, Rio de Janeiro [2012]**



**Fonte:** Machado, 2012.

Ao modificar a paisagem, oferecer algumas amenidades ao núcleo comercial do bairro, Bangu passa para seu quarto e atual paradigma sustentado na economia de serviços. Embora houvesse ainda nos tempos áureos da Fábrica de Tecidos Bangu<sup>20</sup> um forte comércio no bairro, hoje o setor tem maior centralidade na vida de quem produz e consome em Bangu. Na atualidade, a economia fluminense tem seu mote voltado ao setor terciário, o qual inclui o turismo. Mais de 60% do que se produz no Rio de Janeiro é proveniente do setor de serviços e comércio (IBGE, 2012). O marco desse novo momento na história de Bangu é a readequação da antiga unidade fabril ao Bangu Shopping.

**Imagen 11: De fábrica ao Bangu Shopping, Rio de Janeiro [2012]**



Fonte: Engineering, 2012

De acordo com a empresa que se responsabilizou pelas obras, o Bangu Shopping, inaugurado em 30 de outubro de 2007, se caracteriza pela reunião de grandes empresas do varejo nacional e internacional. Outro fator é que por ser um bem tombado<sup>21</sup>, o local tem de promover contrapartidas culturais, as quais privilegiam os aspectos históricos da região. Há de se ressaltar que o comércio de rua banguense sempre foi muito forte, contando inclusive com o primeiro camelódromo coberto do país, situado ao lado do atual shopping.

Embora o atual modelo econômico privilegie os aspectos relacionados ao setor de serviços, mesmo sob ciência do pioneirismo de Bangu com relação ao futebol, o bairro ainda não figura entre os principais redutos da memória do esporte. Não fosse pelos atores locais interessados em salvaguardar e proteger o que ainda resta sobre os diversos modelos tecnológicos pelos quais Bangu passou e ainda passa, talvez pouquíssimo restasse<sup>22</sup>. Devido à sua tradição turística, o Rio de Janeiro tem em seu território diversas manifestações de atividades produtoras de serviços de lazer e hospitalidade. A capital fluminense, dentre os mais de 5 mil municípios brasileiros, é o segundo destino mais visitado pelo público nacional com cerca de 3,5% desse fluxo, a ser desbancada da primeira colocação pela cidade de São Paulo, com mais de 5% (Brasil, 2012).

O Brasil, recentemente, teve a oportunidade de sediar a Copa do Mundo de Futebol. O evento que poderia de certa forma inserir Bangu dentro de alguma iniciativa de descentralização e fomento ao turismo ligado ao futebol não teve, ao menos por parte do poder público, qualquer apoio. Ao buscar nas páginas eletrônicas dos órgãos de públicos de promoção ao turismo, tanto a prefeitura e estado do Rio de Janeiro, bem como o Ministério do Turismo sequer fazem menção a Bangu e sua história com o futebol. Por iniciativa do Bangu Shopping com alguns atores sociais engajados pela memória do bairro, uma estátua (ver em imagem 12) em homenagem ao escocês, Thomas Donohoe, ou “Seu Danau”, foi inaugurada no dia 05 de junho de 2014, poucos dias antes do início da Copa do Mundo. Por mais que o evento fosse noticiado<sup>23</sup> em alguns meios de comunicação, o poder público não instigou qualquer projeto que englobasse a região e seu legado.

Em discursos passados a respeito da importância que a atividade turística acarreta sobre uma comunidade, sempre podemos identificar as seguintes palavras-chave: investimento, formação de capital e geração de empregos. Poucos são os empreendedores que realmente possuem uma visão social a respeito

do fenômeno turístico. Tal lógica de mercado, bem apresentada por Molina (2002:18-19) enxergará a atividade turística sob os preceitos da pós-industrialidade, mencionando:

[...] novos requisitos para ser competitivos nos mercados intensamente disputados: a diferenciação nos produtos/serviços e também a desmassificação dos mercados ou da alta segmentação, o começo da personalização dos serviços, a descentralização de decisões nas empresas e a ecologia que deriva também da estratégia de desenvolvimento sustentável. Todos eles aparecem como referentes cruciais do novo modelo.

**Imagen 12: Homenagem ao pioneiro do futebol brasileiro,  
Thomas Donohoe, Rio de Janeiro [2014]**



**Fonte:** Nemzetisport, 2014.

Em tal fase, a visão pela qual o mercado encara a cadeia produtiva do turismo relega-se, única e exclusivamente, à visão do empreendedor e a do próprio turista. Não há a preocupação com os impactos negativos ocasionados por tal interação e muito menos com as necessidades, anseios e expectativas da comunidade autóctone em que o turismo é operacionalizado. Entretanto, com o advento da pós-modernidade, o homem adquire a necessidade de romper, mesmo que momentaneamente, os vínculos que possui com o seu cotidiano, buscando, na atividade turística, um cenário que lhe oferte experiências e vivências completamente distintas daquelas vivenciadas em sua urbe. Percebe-se que tais indivíduos sentem o desejo de conhecer novas culturas e até mesmo reconhecer-se em meio da imensidão, quase que infinita, de indivíduos e grupos sociais que os cercam diariamente.

Tal premissa encontrará base e será acolhida por meio da planificação e operacionalização da atividade turística a partir do momento em que esta é entendida, tal qual explana Molina (2002), enquanto o “Pós-turismo”. Cria-se, a partir desta faceta de desenvolvimento da atividade turística, sua terceira visão. Antes, os ideais turísticos eram atrelados aos objetivos de empreendedores e turistas. Agora, os mesmos devem ser atrelados às necessidades, anseios e expectativas da população autóctone<sup>24</sup>.

Nesse sentido, clama-se aqui que a atividade turística deva encontrar, tal qual os apelos de desenvolvimento sustentável, um tripé que sustente sua prática. Destarte, o turismo deve, de maneira justa, ética e equitativa, exaltar o desenvolvimento cultural, social e econômico de uma localidade, atendendo através de sua gestão participativa os anseios dos atores que, direta ou indiretamente, são responsáveis pela sua construção. Tal atividade/fenômeno deve ser concebida enquanto uma ferramenta que vise a preservação e contemplação de todo e qualquer resquício que faça de uma localidade um

espaço atrativo e singular, assim como o exemplo de Bangu. Nesse sentido, Bangu, juntamente com sua memória e identidade, pode ser trabalhado como um centro de memória viva, utilizada tanto pelos empreendimentos turísticos cariocas já consagrados, quanto por outros serviços que reforcem a qualidade de vida da população local.

Afinal de contas, é interessante notar que em nosso meio social somos constantemente interpolados a objetos que possuem a capacidade de nos proporcionar inúmeras vivências, pois estes representam o passado e o presente ao mesmo tempo, posto suas funções e representações, históricas e atuais, constantemente se interagem, sendo isto possível de ser visto através de cenários urbanos que reforçam e transparecem os sentimentos de coexistência temporal, entre tempos que podem demonstrar usos e abusos de imagens cruciais para a nossa formação sociocultural (Lownthal, 1998). Tudo dependerá da maneira como os observamos, dos significados e representações que estipulamos aos mesmos, e da acepção histórica que os mesmos têm perante os indivíduos que os cercam e que fizeram e ainda fazem parte de seu universo.

Afinal de contas, assiduamente, o ser humano se defronta com experiências que os situam em uma linha de tempo ligada ora ao nosso passado, ora ao nosso presente. Em nosso meio social, somos constantemente interpolados a objetos e remetidos a ações não características de nosso tempo atual e é inegável que estes se mostram de extrema importância para a compreensão, elaboração e percepção de nosso tempo presente. Deste modo, serão através destas relações que grupos sociais apresentarão suas características e singularidades, fatores estes que emolduraram o sentido de suas identidades e que possibilitam o conhecimento necessário sobre sua própria história. Tal fato poderia relembrar um poema, cuja autoria pertence a Paulo Esdras<sup>25</sup> sobre a maneira como o tempo, de certa forma, regulamenta nossa própria maneira de perceber e agir perante nossos ritmos de vida, semelhantes, estranhos e objetos que nos cercam:

*O segredo do tempo é consumi-lo sem percebê-lo.*

*É fingir-se infinito para não o vermos passar*

*É fazer-se contar em anos em vez de momentos*

*Relógio, despertador, cronômetro, calendário  
Tudo engodo para imaginarmos prendê-lo, controlá-lo*

*Ampulheta, único instrumento sincero do tempo*

*Regressivamente, nos impõe a gravidade*

*De haver realmente um último grão*

*Riscando na areia a nossa fragilidade*

*Faz-se devagar nos maus momentos*

*Depressa quando o queremos*

*Ponteiro invisível da vida*

*Peça necessária do fim*

*A sua fome é insaciável*

*A sua vontade é determinante*

*A sua procura é unanime*

*Se esconde nas sombras que se movem*

*Nos objetos que não mais servem*

*Nas pessoas que nunca mais vimos*

*Na podridão das frutas que não foram colhidas*

*Nas lembranças já esquecidas*

*Revela-se nas fotos que se desbotam*

*Nas cartas que amarelam*

*Nas crianças que crescem*

*Nas rugas que aparecem*

#### 4. Considerações finais

Nesse universo intrigante de conceitos e vislumbres indubitavelmente complexos, devemos nos ater ao fato de que a cultura deve ser vista como um processo inconsciente (Cuche, 2002) uma vez que valores, crenças, tradições, costumes, hábitos e comportamentos que são cotidianamente exercidos e praticados por membros de um determinado grupo social, e em muitas das vezes assimilados e praticados de uma maneira involuntária, como se fossem reflexos incutidos graças a um ou vários estímulos provindos do meio que estamos inseridos, seja este um ambiente familiar ou social.

O que percebemos, portanto, é que a maior parte de nossos comportamentos mostram-se como verdadeiras respostas programadas a forma como reagimos, de tal maneira que em determinados momentos sentimos a própria normatividade das ações de nosso cotidiano. Comentamos, questionamos, agimos e recordamos sobre fatos, muitas das vezes graças a estímulos, negativos ou positivos, oriundos de nosso próprio meio social.

Já a Identidade Cultural, como sugere Cuche (2002), mostra-se como sendo um processo consciente, simplesmente pelo fato de que esta é baseada na ideia de exaltação do diferente. Ou seja, há a necessidade de que os indivíduos pertencentes a um grupo social criem mecanismos que farão com que essa consagração ao diferente seja apreciada e muitas vezes perpetuada não só aos indivíduos que fazem parte de seu meio, como também àqueles que não o fazem.

Mesmo com os sucessivos paradigmas tecnológicos, os quais não se excluem, embora assumam certo protagonismo ao sabor da história que os atores locais se engajam, Bangu tem se (sido) posicionado de modo coadjuvante no cenário turístico. Os intentos da iniciativa privada local e de moradores entusiastas ainda não é o suficiente para que Bangu passe a constar nos roteiros turísticos do Rio de Janeiro. A trajetória que esse território apresenta ainda guarda vestígios importantes quanto à área de produção de olerícolas (há ainda uma forte produção de chuchu, couve, caqui, salsa, cebolinha, banana, alface...), bem como o patrimônio erigido em torno do modelo fabril, o qual hoje desempenha uma função ligada ao comércio, pode ser um ponto de partida para o surgimento do futebol, do carnaval, da moda e de tantas outras atividades que podem ser desenvolvidas.

Se Bangu não configura um dos principais destinos turísticos da cidade do Rio de Janeiro, talvez devessem os moradores locais usufruir e demandar mais serviços de entretenimento, cultura, com vistas a fortalecer a identidade que o bairro quer manter e levar adiante. As bandeiras levantadas contra o racismo, pela divulgação do que se produz, bem como a marca proletária do bairro que ainda preserva certos aspectos britânicos têm de prevalecer sobre a violência, o descaso e a negligéncia para com a cultura do subúrbio do Rio de Janeiro.

Além disso, ao se pensar em procedimentos relacionados à planificação e gestão da atividade turística, seus atores devem considerar um dos princípios analisados por Krippendorf para a proposição de uma nova concepção do turismo que buscasse assegurar o seguinte objetivo

[...] assegurar e otimizar a satisfação das múltiplas necessidades turísticas dos indivíduos de todas as camadas sociais no âmbito das instalações adequadas e num meio ambiente intacto, levando em consideração os interesses da população autóctone. [...] A política do turismo não estará mais centrada exclusivamente nas finalidades econômicas e técnicas, mas também respeitará o meio ambiente e levará em conta as necessidades de todas as pessoas envolvidas. [...] A política do turismo não estará mais centrada exclusivamente nas finalidades econômicas e técnicas, mas também respeitará o meio ambiente e levará em conta as necessidades de todas as pessoas envolvidas. Um turismo que satisfaça essas condições, no meu entender, é um turismo “suave” ou um “turismo adaptado. (2001:136).

#### Bibliografia

- Assaf, Roberto  
 2001. “Bangu: bairro operário, estação do futebol e do samba”. Rio de Janeiro: Relume Dumará,  
 Prefeitura do Rio de Janeiro,  
 Bangu AC  
 s/d. “O clube: História - Bangu e sua vida. Rio de Janeiro”. Disponível em: <<http://www.bangu-ac.com.br/historia.htm>> Acesso em 28 out.2014.

- Bangu Shopping  
 s/d. "O shopping: história do shopping. Rio de Janeiro". Disponível em: <[http://www.bangushopping.com/index.php?option=com\\_content&view=article&layout=historia&id=9&Itemid=28](http://www.bangushopping.com/index.php?option=com_content&view=article&layout=historia&id=9&Itemid=28)> Acesso em 28 out. 2014.
- Brasil, Ministério do Turismo  
 2012. "Caracterização e dimensionamento do turismo doméstico no Brasil – 2010-2011". São Paulo: FIPE. Disponível em: <[http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/export/sites/default/dadosefatos/demanda\\_turistica/domestica/downloads\\_domestica/Demanda\\_domestica\\_-\\_2012\\_-\\_Relatorio\\_Executivo\\_nov.pdf](http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/export/sites/default/dadosefatos/demanda_turistica/domestica/downloads_domestica/Demanda_domestica_-_2012_-_Relatorio_Executivo_nov.pdf)>. Acesso em: 23 jun. 2014.
- Bruno, Leonardo  
 2009. "Roda de samba – Mocidade homenageia Mestre André, o inventor da paradinha". Rio de Janeiro: Extra. Disponível em: <<http://extra.globo.com/tv-e-lazer/roda-de-samba/mocidade-homenageia-mestre-andre-inventor-das-paradinhas-390844.html>> Acesso em 01 nov. 2014.
- Cuche, Denys  
 2002. "A noção de cultura nas ciências sociais". Bauru/SP: EDUSC.,
- D'ALESSIO, Marcia Mansor  
 1998. "Intervenções da memória na historiografia: identidades, subjetividades, fragmentos, poderes". In: Projeto História. Trabalhos da Memória. *Revista do Programa de Pós Graduados em História da PUC/SP*. São Paulo, EDUC, n. 17, Nov/98, PP. 269-280.
- Engineering  
 2012. "Bangu Shopping". Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://engineering.com.br/site/projetos-e-cases/bangu-shopping/>> Acesso em 01 nov. 2014
- Ferreira, Antônio; Luca, Tania Regina de; Iokoi, Zilda Grícoli (Org.)  
 1999. "Encontros com a História: percursos históricos e historiográficos de São Paulo". IN: Rodrigues, Marly. *Patrimônio, espelhos do passado*. São Paulo: Ed. Unesp.
- Galdo, Rafael; Daflon, Rogério  
 2011. "Dom Jaime Câmara, maior conjunto habitacional do Rio, tem 26 mil moradores e anexos irregulares de até sete andares". Rio de Janeiro: O Globo. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/dom-jaima-camara-maior-conjunto-habitacional-do-rio-tem-26-mil-moradores-anexos-irregulares-de-ate-sete-andares-2772231#ixzz3HrtP1Nqt>> Acesso em 01 nov. 2014.
- Giesbrecht, Ralph Mennucci  
 2014. "Estações ferroviárias Central do Brasil: Mangaratiba – Bangu". São Paulo. Disponível em: <[http://www.estacoesferroviarias.com.br/efcb\\_rj\\_mangaratiba/bangu.htm](http://www.estacoesferroviarias.com.br/efcb_rj_mangaratiba/bangu.htm)> . Acesso em 27 out. 2014.
- Halbwachs, Maurice  
 1990 *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice Editora Revista dos Tribunais.
- Humanas  
 2010. "História do Conjunto Residencial Cardeal Dom Jaime Câmara". Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://grupodehumanas.blogspot.com.br/2010/11/historia-do-conjunto-residencial.html>> Acesso em 01 nov. 2010.
- IBGE. Estados – Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?sigla=rj&tema=censodemog2010\\_rend](http://www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?sigla=rj&tema=censodemog2010_rend)> Acesso em 02 nov. 2014.
- Instituto Cultural Cravo Albin  
 s/d. "Dicionário de Cravo Albin da Música Popular Brasileira – Rancho carnavalesco". Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://dicionariompb.com.br/>> Acesso em 01 nov. 2014.
- Inepac  
 s/d. "Bens tombados - Igreja de São Sebastião e Santa Cecília". Rio de Janeiro: Governo do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em: <[http://www.inepac.rj.gov.br/index.php/bens\\_tombados/detalhar/375](http://www.inepac.rj.gov.br/index.php/bens_tombados/detalhar/375)> Acesso em 01 nov. 2014.
- Jelin, Elizabeth  
 2001. *Los trabajos de la memoria*. Ed. Siglo XXI, España, Argentina.
- Krippendorf, Jost  
 2001 *Sociologia do Turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens*. São Paulo: Aleph.
- Lima, Daslan Melo  
 2010. "Sessão nostalgie - o concurso Miss Elegante Bangu e aquele dezembro de 1958". Timbaúba, PE: Passarela Cultural. Disponível em: <[http://passarelacultural.blogspot.com.br/2010/12/sessao-nostalgia\\_18.html](http://passarelacultural.blogspot.com.br/2010/12/sessao-nostalgia_18.html)> Acesso em 28 out. 2014.

- Lowenthal, David  
 1998. "Como conhecemos o passado". In: *Projeto História. Trabalhos da Memória. Revista do Programa de Pós Graduados em História da PUC/SP*. São Paulo, EDUC, n. 17, Nov/98, PP. 63-201.
- Machado, Andréa.  
 2012. "Casa – Comércio é um dos pontos positivos de Bangu". Rio de Janeiro: Extra. Disponível em: <<http://extra.globo.com/casa/comercio-um-dos-pontos-positivos-de-bangu-6024367.html>> Acesso em 01 nov. 2014.
- Mendonça, Marina Gusmão de  
 2002. *O demolidor de presidentes: a trajetória política de Carlos Lacerda, 1930-1968*. São Paulo: Códex.
- Mills, John  
 2005. *Charles Miller: o pai do futebol brasileiro*. São Paulo: Panda Books.
- Molina, Sérgio  
 2002. *O pós-turismo – dos centros turísticos industriais para as ludópolis*. México: Molina.
- Nemzetisport  
 2014. "Ott jártunk, ahol megszületett a Brazil futball: minden egy skóttal kezdődött". Budapest. Disponível em: <[http://www.nemzetisport.hu/hazaadas\\_marosi\\_gergely/egy-skot-kelmefestovel-kezdodott-az-ot-vb-aranyig-vezeto-brazil-ut-2349315](http://www.nemzetisport.hu/hazaadas_marosi_gergely/egy-skot-kelmefestovel-kezdodott-az-ot-vb-aranyig-vezeto-brazil-ut-2349315)> Acesso em 02 nov. 2014.
- Pelli, Ronaldo  
 2012. "O pioneiro de Bangu". *Revista Piauí*. Disponível em: <<http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-75/esquina/o-pioneiro-de-bangu>> Acesso em 28 out. 2014.
- Pollak, Michael  
 1989. *Memória, esquecimento e silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2(3): 3-15..
- Pollak, Michael  
 1992. *Memória e identidade social*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5(1): 200-212.2.
- Possas, Lídia Maria Vianna  
 2001. *Mulheres, Trens e Trilhos: modernidade no sertão paulista*. Bauru: EDUSC.
- Schumpeter, Joseph Alois  
 1997. *Teoria do desenvolvimento econômico: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e ciclo econômico*. São Paulo: Nova Cultural.
- Sena, Julio  
 [16??]. "Engenho da Serra". Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://memoriadebangu.weebly.com/fazendas.html>> Acesso em 27 de outubro de 2014.
- Skyscrapercity  
 2011. "Arqueologia industrial – Uma bela foto aérea do Shopping Bangu". Disponível em: <<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=951050>> Acesso em 29 out. 2014.
- Terceiro Tempo  
 s/d. "Francisco Carregal: o primeiro jogador negro do Brasil". São Paulo. Disponível em: <<http://terceirotempo.bol.uol.com.br/que-fim-levou/francisco-carregal-1987>> Acesso em 28 out. 2014.
- Zarko, Raphael  
 2009. "Exposição celebra os 105 anos do Bangu, um pioneiro do futebol brasileiro – Futebol". Rio de Janeiro: Globoesporte.com. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/Espor tes/Noticias/Futebol/0,,MUL1087932-9825,00-EXPOSICAO+CELEBRA+OS+ANOS+DO+BANGU+UM+PIONEIRO+DO+FUTEBOL+BRASILEIRO.html>> Acesso em 28 out. 2014.

## Notas

<sup>1</sup> Ver: D'Alessio (1998).

<sup>2</sup> Ver: Jelin (2001); Pollak (1992); Possas (2001).

<sup>3</sup> Assim como Possas (2001) perceberemos o conceito de "signo" enquanto algo que sob um determinado prisma suscitará representações a um indivíduo ou até mesmo a um grupo social. Neste sentido, como diz a autora, todo e qualquer signo representará algo em relação a um determinado objeto para todos aqueles indivíduos que fizerem e ainda fazem parte das inúmeras possibilidades de percepção de seu universo interpretativo, de forma que se possa entender as ações contidas que emanam deste mesmo objeto.

<sup>4</sup> A teoria de Schumpeter crê que o papel de um economista se restringe em estudar determinado fator até encontrar a causa não-económica. Esse seria o limite. A partir desse achado, caberia a outros cientistas, de preferência os que dominam os estudos sociológicos, compreender como esses fatos sociais interferem no comportamento econômico dos atores (SCHUMPETER, 1997).

- <sup>5</sup> Afinal de contas, um dos intuiitos aqui é o de, através da observação de Bangu, conseguirmos “fazer visível o invisível”, ou então “dar voz a quem não teve voz” e dessa maneira introduzir uma pluralidade de pontos de vistas capazes de abrir a perspectiva de reconhecimento e legitimação de outras experiências além daquelas que até então figuraram o desenvolvimento praticamente todo o cenário cultural/turístico carioca.
- <sup>6</sup> *Plantation* – (ing.) 1. propriedade agrícola em que se cultivam produtos tropicais muitas vezes para exportação (HOUAISS, s. v.); 2. grande propriedade agrícola na qual se cultivam produtos tropicais, geralmente para exportação (AURÉLIO, s. v.).
- <sup>7</sup> Assim, é justamente neste procedimento de exaltação que são encontrados os argumentos necessários para se começar os questionamentos em torno da importância do Patrimônio Cultural. Desta forma, Ferreira, Luca e Iokoi (In: RODRIGUES, 1999) mencionarão que sob esta perspectiva as edificações e/ou imaterializações que remetem a valores históricos importantes, sendo a estas atribuídas a capacidade de ‘representar’ o passado, possibilitando aos indivíduos que fizeram, ou ainda fazem, parte das relações ali estruturadas, um reconhecimento de práticas, valores e ações que se mostram relevantes para a caracterização sociocultural de sua comunidade.
- <sup>8</sup> “Como apenas a memória permite conhecer a... sequência de percepções”, argumenta Hume, ‘deve ser considerada... como a fonte de identidade pessoal. Não tivéssemos memória, nunca teríamos tido nenhuma noção... dessa cadeia de causas e efeitos que constituem nosso self ou pessoa”. (LOWENTHAL, 1998: 83).
- <sup>9</sup> De acordo com Mills (2005), o dia 14 de abril de 1895, no Brás, em São Paulo, foi realizada a primeira partida de futebol do Brasil, disputada de forma organizada, entre os funcionários da Companhia de Gás de São Paulo (Gas Company of São Paulo) e da Companhia Ferroviária de São Paulo (São Paulo Railway Company) onde o São Paulo Railway, o time de Charles Miller, venceu por 4 a 2.
- <sup>10</sup> O Bangu Atlético Clube foi um dos fundadores da primeira Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro, em 1905, conjuntamente com Clube de Regatas Botafogo e Fluminense Football Club (BANGU AC, s/d).
- <sup>11</sup> Segundo o Blog Terceiro Tempo (s/d), em 1905, o Bangu contava com cinco ingleses (Frederick Jacques, John Stark, William Hellowell, William Procter e James Hartley), três italianos (Cesar Bochialini, Dante Delocco e Segundo Maffeu) e dois portugueses (Francisco de Barros e Justino Fortes).
- <sup>12</sup> A Medalha Tiradentes foi instituída pela Resolução Nº 359 de 1989, em 8 de agosto de 1989 e é destinada a premiar pessoas que hajam prestado relevantes serviços à causa pública do Estado do Rio de Janeiro.
- <sup>13</sup> O próximo título do Campeonato Carioca apenas viria em 1966.
- <sup>14</sup> Assaf (2001) revela que, em 1960, Guilherme da Silveira reclinara o convite de Luís Carlos Prestes, o Cavaleiro da Esperança e um dos quadros mais expressivos do Partido Comunista, para concorrer ao cargo de governador da Guanabara contra Carlos Lacerda.
- <sup>15</sup> Segundo o Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira (INSTITUTO CULTURAL CRAVO ALBIN, s/d), o desfile de um Rancho Carnavalesco pode ser descrito como um cortejo, com a presença de um Rei e uma Rainha, ao som de uma marcha-rancho, acompanhado por instrumentos de sopro e corda, ritmo mais pausado que o samba. De acordo com Câmara Cascudo, eram características típicas dos ranchos as vestimentas vistosas, sendo utilizados em seus desfiles instrumentos como o violão, a viola, o cavaquinho, o ganzá, o prato, e às vezes, a flauta. Não eram usados instrumentos de percussão. Havia os mestres, um de Harmonia, um de Canto e um de Sala, responsável pela coreografia.
- <sup>16</sup> O carnaval de 1959 foi liderado seguidamente por Portela, Salgueiro, Império Serrano e Mangueira.
- <sup>17</sup> *Bangüé* – (do quimbundo mbangué) – Padiola de conduzir cadáveres de pretos escravos; materiais de construção (in HECKLER, Evaldo. Dicionario morfológico da Língua Portuguesa. s.v.). Bangu – (Serra do (antigo) Distrito Federal (hoje Rio de Janeiro) – corruptela do tupi *u'bang ù* = o anteparo escuro, a barreira negra (in Antenor Nascentes. Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, s.v.).
- <sup>18</sup> Sarapuí – do tupi *sara'pó* (nome dado a muitos peixes gimotídeos); Amanajó – do tupi *ama'na yo* (o que provém da chuva, ou das nuvens); Urucum – do tupi (vermelho); Murundu – do quimbundo *mulun'du* (montículo), Boiobi – do tupi *mboio' mibi* (cobra-verde,o mesmo que cobra-cipó).
- <sup>19</sup> Ver mais em Mendonça, 2002.
- <sup>20</sup> Após o encerramento das atividades em 2005, a Fábrica de Tecidos Bangu se dedica atualmente à produção de tecidos de alta qualidade na cidade de Petrópolis/RJ.
- <sup>21</sup> Em 2000, o prédio da Fábrica é tombado pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), mostrando assim sua importância, não só para o bairro de Bangu como também para a cidade do RJ (BANGU SHOPPING, s/d).
- <sup>22</sup> Apesar de Bangu não possuir um museu, o Grêmio Literário José Mauro de Vasconcelos atua como um espaço dedicado à memória do povo banguense.
- <sup>23</sup> A imagem usada para retratar a homenagem foi retirada de uma página eletrônica esportiva da Hungria.
- <sup>24</sup> Um exemplo disso apresenta-se no México, mais precisamente em Totonicapã, onde uma comunidade cansada dos impactos negativos indústria turística, passa a adotar medidas centralizadoras, que lhe dão poderes de decisão perante empreendedores e turistas, principalmente no que se refere a sua identidade cultural. Fonte: Palestra “Pós-turismo: Novas tecnologias, novos comportamentos sociais”, proferida pelo professor Dr. Sérgio Molina no IV Congresso Internacional de Turismo da Rede Mercociudades, realizado no município de Porto Alegre em agosto de 2002.
- <sup>25</sup> Disponível em: <http://www.overmundo.com.br/banco/o-tempo-poiesia-1>. Acesso em: 20.agosto.2009.

*Recibido:* 12/08/2015  
*Reenviado:* 15/12/2015  
*Aceptado:* 08/01/2016  
*Sometido a evaluación por pares anónimos*